

# Orientamos as crianças para uma vida da qual não sabemos: psicologia do desenvolvimento em Françoise Dolto

*Giovani Meinhardt\**

## Resumo

A psicanalista francesa Françoise Dolto desenvolveu um percurso teórico em nítida consonância com suas experiências privadas, mais especificamente, com a difícil infância em família. Os vínculos entre pais e filhos, carregados de conflitos, afetam o desenvolvimento infantil. Além disso, o controle, a ansiedade e a insegurança dos pais substituí o amor, solapando o desenvolvimento psicológico infantil.

**Palavras-chave:** ansiedade do futuro; crianças; desejo, família; psicanálise infantil.

## We guide children towards a life we do not know about: developmental psychology in Françoise Dolto

## Abstract

French psychoanalyst Françoise Dolto developed a theoretical path in clear line with her private experiences, more specifically, with her difficult family childhood. The bonds between parents and children, fraught with conflict, affect child development. Furthermore, parental control, anxiety and insecurity replace love, undermining children's psychological development.

**Keywords:** anxiety about the future; children; desire; family, child psychoanalysis.

---

\* Psicólogo. Professor do curso de Psicologia – Gran Centro Universitário – Curitiba-PR. Doutor em Filosofia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Pós-doutorando PUC-SP – Programa de Teologia. Campus Ipiranga - SP.

# 1. O lugar da Psicanálise no pensamento de Dolto

Muitos sistemas e teorias psicológicas competem e buscam o seu lugar. A ciência psicológica ramifica-se em várias psicologias. Igualmente, a psicanálise fundada por Sigmund Freud propagou-se em muitas linhas teóricas. Um sistema psicanalítico peculiar reside na obra da psicanalista francesa Françoise Dolto. A psicanálise, para Dolto (1988, p. 7) “[...] é uma prática específica que permite estudar a dinâmica das trocas emocionais que acompanham a relação de um ser humano com outro”. O foco da concepção psicanalítica de Dolto não repousa no indivíduo ou na sua exclusiva profundidade psíquica inconsciente. Para Dolto as relações compreendem a potência do inconsciente nos dinamismos emocionais humanos. Nas palavras de Dolto (1988, p. 9), a “[...] psicanálise permite compreender a dinâmica que se prepara no inconsciente, e que, a seguir, apresenta efeitos visíveis, perceptíveis, na relação com os outros”. O inconsciente engendra destinos nas relações humanas, orientando emocionalmente os indivíduos para acomodações específicas em cada uma de suas interações. As conexões humanas sofrem influências da dimensão inconsciente.

O papel psicanalítico auxilia “[...] àqueles que se enterraram pouco a pouco na repetição por recalçamento de seus desejos: ajudá-los a sair do mesmo sulco do disco de suas vidas, que continua a girar no mesmo lugar. Ela existe para que a vida retome seus direitos”. (Dolto, 1988, p. 9). A diferença de outras abordagens psicanalíticas, Dolto concentra-se enormemente nas crianças e suas famílias, algo até então pouco explorado. Dessa forma, Dolto une psicologia do desenvolvimento e psicanálise ao direcionar a escuta no universo infantil. As crianças, para ela, também sofrem e sentem-se aprisionadas, embora ainda muito pequenas. Quando existem dificuldades emocionais, “[...] a criança para no seu desenvolvimento e não é mais criativa”. (Dolto, 1988, p. 9). Essa ideia de bloqueio do desenvolvimento entabula uma importante questão: qual o motivo de crianças tão pequenas já apresentarem quadros complexos de sofrimento? Ainda predominantemente sensoriais, as crianças são

fortemente impressivas, isto é, servem como um quadro onde nelas são estampadas todas as dinâmicas familiares. Dessa forma, “[...] há um recalçamento da infância nos adultos, e grande parte deles teve uma infância que ainda não terminou”. (Dolto, 1988, p. 11). O que figura de forma aparentemente controversa está no quanto os adultos interagem com as crianças como se ambos estivessem no mesmo patamar, fazendo as mazelas adultas circularem na família com muitos ditos e não ditos, tocando invariavelmente os filhos.

## 2. Aspectos biográficos

Em meio ao ambiente familiar turbulento e doente, Dolto transformou suas amargas memórias em um sistema psicológico coerente. A historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco (1998, p. 157) conta-nos um pouco sobre a educação de Dolto:

Desde a mais tenra infância, ela leu livros piedosos e foi afastada dos fatos da sexualidade humana. Diziam-lhe que as crianças nasciam em caixas enviadas à terra pelo Sagrado Coração de Jesus, que as coisas do amor eram repugnantes, ou ainda que as mulheres eram destinadas a passar da virgindade para a maternidade, sem nunca ter acesso à intelectualidade ou a uma liberdade qualquer.

Dolto advinha de uma família que totalizava seis irmãos: quatro homens e duas mulheres. A irmã, chamada Jacqueline, era a mais velha, morrendo ainda jovem de osteossarcoma<sup>1</sup> (doença incurável na época). Antes da morte de Jacqueline, a mãe de Dolto acreditava que sua filha mais velha (e também a filha preferida) se salvaria apenas por um milagre. Françoise Dolto (1990, p. 35) testemunha a crença materna: minha mãe “[...] achava que, se um milagre fosse possível, seria no dia da primeira comunhão de uma criança”. Como a primeira comunhão de Dolto se aproximava, sua

---

<sup>1</sup> Osteossarcoma é o tumor ósseo maligno. Geralmente aparece em locais onde os ossos crescem mais rápidos e durante a fase de crescimento. É mais comum em adolescentes (10 a 20 anos) e este tumor frequentemente tem crescimento rápido.

mãe lhe deu uma importante, mas impossível tarefa: rezar pela irmã para salvá-la. Após o falecimento da irmã, com a cabeça ainda infantil de doze anos de idade, Dolto (1990, p. 36) concluiu: “[...] eu fracassei em todos os planos”.

A delegação de responsabilidades, deveres e entendimentos que uma criança não pode conter, nem ao menos suportar, abarca consecutivamente seu alto preço: a produção de fracasso, vergonha, culpa e acentuada vulnerabilidade que podem acompanhá-la por longo tempo. Embora o exemplo vivido por Dolto tenha sido extremo, atribuímos enquanto adultos muitas missões impossíveis para as crianças: projetos, carreiras, formas restritas de se comportar e tantas outras maneiras que elas devem seguir. Claramente é o desejo adulto que está em jogo à custa da indiferença do desejo da criança. Diante de incessantes mandamentos paternos e maternos fica a pergunta: você sabe quem é seu filho ou pensa saber tudo o que ele tem que ser?

Em sua biografia denominada *Autorretrato de uma psicanalista*, Françoise Dolto confessa fatos pessoais que foram sem dúvida ‘tijolos’ de sua teoria: “Teria gostado de estudar pintura, mas minha mãe [...] tinha medo por mim desde a minha infância. Dizia: ‘O que será que vai se tornar mais tarde, quando afrouxarmos as rédeas?’” (Dolto, 1990, p. 175). Assim, a carreira de Dolto na pintura foi abortada já na infância<sup>2</sup>. Diante deste extrato autobiográfico percebemos a intencional onipresença da mãe de Dolto, plasmada com uma desconfiança marcante projetada sobre a filha. Se havia algo de ruim à esperar da filha, tal concepção já estaria em curso na mente daquela mãe. Percebemos o quanto Dolto foi alvo de alta carga de ansiedade materna. Sobre outros comentários que sua mãe lhe fazia, Dolto (1990, p. 175) registrou:

[...] ela me dizia que eu era monstruosa. Mas dizia isso para mim – como dizer? – não com amor, mas com resignação. Ficava me olhando e ao fim

---

<sup>2</sup> Lembramos que Saint-Exupéry relata a mesma experiência de desencorajamento de suas apetições nas páginas iniciais do livro ‘O Pequeno Príncipe’.

de dois minutos eu perguntava: Mas o que há, mamãe? – Estou olhando para você. Você é simplesmente monstruosa. Não pode fazer nada, foi feita assim.

Essa faceta sofrivelmente vivida revela uma recorrência em sua obra: o desapareço e a ausência de projeções saudáveis dos adultos na formação infantil – ou melhor dizendo – a presença ativa de ‘deformações’ altamente negativas dos responsáveis em seus pupilos. As projeções de ansiedade, depressão ou insegurança dos pais ou responsáveis também edificam a personalidade de uma criança.

De acordo com sua experiência negativamente carregada, Dolto já adulta realiza uma antítese: utiliza sua experiência privada para efetivar reflexões sobre a saúde na infância. Assim, em 24 de setembro de 1940, de forma inovadora “Dolto inaugurou, no Hospital Trousseau, um consultório que se tornaria ‘público’, isto é, aberto aos analistas que desejassem se formar na prática da psicanálise de crianças. Ela o fechou em 1978”. (Roudinesco, 1998, p. 158). Essa primeira aproximação institucional visava a formação de analistas infantis e não focava a prática direta da terapia infantil. Surpreendentemente, no próximo ano Dolto abre uma nova instituição. “Em janeiro de 1979, Françoise Dolto criou em Paris a primeira ‘Casa Verde’, para acolher crianças até a idade de três anos, acompanhadas dos pais”. (Roudinesco, 1998, p. 160). Além de evitar traumas que poderiam marcar a entrada na escola, Dolto preocupava-se em manter as seguranças conquistadas das crianças. Roudinesco (1998, p. 157) em sua atribuição de historiadora relata que depois de “[...] Jacques Lacan, Françoise Dolto foi a segunda grande personalidade do freudismo francês”.

### 3. Ponto de vista singular: a dinâmica familiar

Marcada pelas dificuldades da própria infância, Dolto decidiu que dedicaria seu trabalho a ajudar crianças a descobrir e exteriorizar seus desejos saudáveis, acreditando que isso evitaria o desenvolvimento de neuroses. Dolto sentia que algumas doenças infantis comuns eram, na verdade, reflexos de (1) falta de vínculos

entre pais e filhos ou (2) vínculos pesados demais para uma criança carregar. Os adultos, notara, eram muitas vezes incapazes de entender as crianças, apesar de também terem sido pequenos um dia (e efetivamente terem esquecido disso). A falta de compreensão adulta pode muito bem ser uma duplicação ‘intergeracional’ do que os próprios responsáveis viveram: ausência de diálogo, afeto deficitário, apatia familiar, frustrações ou supervalorização de normas em detrimento das emoções positivas.

Na visão de Dolto, cada criança tem uma esperança e uma saúde única proveniente dela mesma, que a educação tradicional, a cultura e a família tenta por vezes sufocar. A concepção e a prática de saúde dos pais necessariamente não encontrará equiparação em seu filhos. A criança é a protagonista do desenho de sua vida. A diferenciação de cada personalidade repousa na necessidade de expressão de cada pessoa, começando já na infância. Assim, as expressões das emoções podem encontrar bloqueios através da obediência excessiva. Não à toa Dolto (2007, p. 26) advertia: “Agir para agradar os pais (conscientemente) é alienante”. Na vigência da alienação do ego infantil propalada pelos pais ou responsáveis, o desenvolvimento normal da personalidade é interrompido.

Investir nos filhos para que tracem um caminho idealizado e rigidamente predeterminado pelos pais ou responsáveis significa tolher sua liberdade, ou seja, travar o próprio desenvolvimento saudável. Obviamente, as crianças são normatizáveis, porém reconhecemos que os adultos executam regulamentos nelas, mas suas identidades em formação não representam regulamentos. O conteúdo psíquico de uma criança está muito além de um conjunto de regras. No entanto, o que é a liberdade saudável para Dolto? O aspecto benéfico da liberdade infantil traduz-se em “[...] permitir a uma criança ser o que ela é, de se determinar em relação ao meio que a envolve, firmando sua confiança em si mesma e no sentido da vida”. (Dolto, 2005, p. 160). A saúde mental está estritamente relacionada com a confiança. Todavia, a determinação unívoca dos pais não deixa espaço para a saúde e a individualidade infantil. Algu-

mas crianças não conseguem viver ou deixar-se viver sem o receio onipresente de que algo de mal lhes aconteça. Esta instalação de ansiedade cunha infâncias que se orientam através de inseguranças familiares que se tornam normativas.

Não é difícil perceber o quanto a família posiciona-se como absolutamente central na concepção de saúde infantil no pensamento de Dolto (1979, p 20): “A família é um termo humano que acarreta diante da lei a responsabilidade recíproca dos pais pela educação de uma criança”. Justamente, a qualificação da resposta familiar enceta aos filhos e filhas um padrão de saúde ou doença.

### 3.1 *Ansiedade do futuro*

A capacidade do adulto reconhecer a criança como radicalmente outra estaria suprimida pelo desejo de preparar e controlar seu futuro. Segundo Vetö (2019, p. 199), pai ou mãe tentam encontrar-se a si mesmos nos filhos. Deste modo, não há comunicação, mas imposição de prescrições normativas de um futuro que é tacitamente incerto. Dolto (2005, p. 135) refletia sobre a criança dizendo que “Fala-se muito dela, mas não se fala com ela”.

Segundo a teoria de Dolto, a saúde entre adultos e crianças está marcada pela *fala*: fala do que dizem dela, *sem* ela e *com* ela. Por outro lado, a doença psíquica está marcada pela *falta*. Qual falta? Múltiplas ausências desenvolvem mazelas psíquicas infantis: ausência de fala, carinho, atenção, etc. Não importa o quanto a criança aparentemente nos entenda, interessa comunicar afetivamente com ela e não somente para ela. No entanto, quando se fala da criança, mas não com ela, dissolvem-se planejamentos que culminariam em uma carreira, uma direção, um sucesso, uma meta saudável: a impotência e a invisibilidade está em curso. Os pais e responsáveis, quanto “[...] mais ansiosos, mais querem saber antecipadamente as respostas sobre o futuro de sua prole. A experiência nos ensina que essa atitude aumenta perigosamente as probabilidades de bloqueio das crianças”. (Dolto, 2005, p. 231). A criança, encarada exclusiva e insistentemente como um ‘plano’ paterno ou materno, perde sua

humanidade. O desejo ansioso de futuro idealizado dos pais, transferido para seus filhos e filhas, não é psiquicamente compreensível. Entrementes, a criança padece a ansiedade de futuro delegado pelos pais, sofrendo de sintomatologias específicas: insegurança e desconfiança descomedidas. Dolto (2005, p. 55) assevera que:

Queremos, portanto, que nossos filhos tenham segurança. Tudo bem! Mas segurança para fazer o quê?... Se o preço da segurança é não ter mais imaginação, criatividade, liberdade, eu creio que a segurança é uma necessidade primordial, mas é preciso não exagerar. Segurança demais decapita o desejo e o risco que são necessários para se sentir a cada instante ‘vivo’, ‘questionado’.

O adulto (pai/mãe, responsável) obcecado por segurança foi uma criança cuja confiança faltou em excesso, ou seja, ao invés de laços de amor o que está estabelecido são laços de dolorosa ansiedade. Nisso, Dolto (1980, p. 13) é categórica: “A impotência das crianças é muitas vezes a ilustração em escala reduzida da impotência de um dos pais”. Diametralmente, o vínculo da criança com um pai extremamente inseguro, por exemplo, gera respostas de vulnerabilidade no comportamento do filho.

Nesse ínterim, os educadores são observadores atentos da qualidade relacional dos responsáveis com seus filhos e filhas. A importância da atenção docente compreende melhor a saúde ou o sofrimento dos estudantes quando se conhece seus pais ou responsáveis. “A inter-relação dos adultos sobre as crianças, e vice-versa, induz patologia ou saúde. É preciso trabalhar para compreender e sanear essas relações”. (Dolto, 2005, p. 162). Ainda, em várias situações a qualidade da relação do aluno com seu professor é uma extensão do tipo de vínculo que existe em casa, ou seja, os campos de sentido da casa invadem a escola.

### *3.2 As criança enquanto Ego ideal dos pais ou responsáveis*

A criança é fisiologicamente inacabada no nascimento e exposta “[...] aos conflitos da sua impotência real e do seu insaciável

desejo de amor e comunicação através dos pobres meios das suas necessidades, mediante os quais, assistido pelos adultos, cria a ilusão de trocar amor”. (Dolto, 1980, p. 10). Do mesmo modo, por mais que a qualidade da conexão entre os pais e a criança seja deficitária, a infância ainda interpreta ou tenta interpretar com amor a complexidade do ambiente familiar que ela vive. Nesta perspectiva, o amor familiar pode quase estar ausente, mas a criança cria a ilusão de intercâmbio de amor ao se relacionar com pais e responsáveis não amorosos. Isso é explicado porque “[...] a criança é como um pré-Eu. Só há Eu a partir do momento em que há um Supereu e um Eu ideal”. (Dolto, 2006, p. 33). A criança espera amor e interpreta muitos atos dos pais e responsáveis amorosamente, ou seja, como se assim o fossem. Filhos de pais indisponíveis o pouco amáveis percebem lentamente a indiferença de seus responsáveis, uma vez que interpretam primeiro as ações familiares como amor.

Algumas crianças desde o nascimento deixam de serem elas mesmas para se tornarem, mesmo a muito custo, aquilo que os pais querem que elas sejam. Assim, as crianças seriam o *eu ideal* que os pais não alcançaram ou o ‘cartão’ de visitas dos pais. Dolto (1980, p. 13) analisa que na verdade a criança, ou melhor, dizendo, o

[...] ser humano desde a sua vida pré-natal, já está marcado pela maneira como é esperado, pelo que representa em seguida, pela sua existência real diante das projeções inconscientes dos pais, que, servindo de interlocutores e de modelos naturais, alteram com demasiada frequência na criança o sentido das referências vividas.

Logo, as interpretações dos pais sobre seus filhos conferem um poder maior que fatos, dando-lhes sentidos estáveis ou conflitantes na vida. Segue que o eu ideal é orientado pelo *Supereu*<sup>3</sup> (superego). Este *Supereu* responde aos mandamentos inquestionáveis dos pais com uma crença específica em jogo: nossos pais ou responsáveis estão revestidos de idolatrias. “Não podemos evitar ter um Supereu, porque acreditamos que nossos pais são a representação

---

<sup>3</sup> Dolto não utiliza a versão latina ‘Superego’, cunhada por Freud.

do adulto valoroso que devemos advir!”. (Dolto, 2006, p. 34). O *Superer* consiste na instância psíquica que nos exige respostas morais, internalizando também os ideais e as expectativas dos pais em sua formação. Destarte, a criança tenta responder a onipresença dos estilos de cobranças e exigências de seus responsáveis.

Ambientes como as salas de aula comportam inúmeras crianças carregadas de expectativas familiares. A premissa das crianças eliminarem os sentimentos de inferioridade dos próprios pais (ou de um deles) consiste em apenas um dos possíveis anseios adultos, provando que nem todos os desejos projetados nos filhos estão conectados com padrões de saúde. A apetição das crenças de sucesso adulto, nivelada por objetivos frustrados ou não alcançados, quando direcionadas aos filhos e filhas, substitui a autonomia da vontade (o querer). Porém, a criança não é um jogo, brinquedo ou parte da confusão de um adulto: ela é uma pessoa. Os gostos, maneiras de ser e jeitos de encarar a realidade em algumas famílias impõe-se de variadas formas e intensidades como princípio. Inúmeros pais *realizam-se* nos filhos ou delegam perspectivas que eles próprios não alcançaram ou que reiteradamente sonham. O não reconhecimento da criança enquanto outra pessoa é um dos maiores exercícios de violência privada de nossa época. “Se uma criança não foi, a tempo, reconhecida desde pequena em seu valor potencial natural, guiada a conhecer suas reais qualidades e a desenvolvê-las, não saberá lutar por seu prazer, nem fazer amigos, nem cultivar suas qualidades”. (Dolto, 2007, p. 26). Diante disso, não podemos deixar de perguntar: quais as consequências da imputação de tanta passividade na infância? A criança não luta por si porque seu ser não corresponde à ela. A alienação maciça transforma a criança em alguém ou algo externo à ela. Os atributos pessoais que foram ativamente não reconhecidos *na* criança pelos pais e responsáveis acabam psiquicamente se instalando como dinamismo estrutural: a criança não reconhece seus potenciais, isto é, não consegue *se sentir*.

Lembramos que também o conformismo e fatalismo excessivo da família projetados nos filhos acarretam uma perspectiva

de pouca esperança. Deste modo, existem discursos conformistas como este: “Se nós não conseguimos, dificilmente você vai conseguir”. Esta frase expressa um destino intergeracional rígido que pode ser conflagrado em qualificação de um ego ideal.

### 3.3 *A aplicação do desejo do ‘bem’*

É discurso comum dos pais desejar o bem para seus filhos. Para Dolto (2005, p. 218) “[...] o ser humano, que tem uma história original irreduzível à de um outro, é também um sujeito de desejo”. Não só os adultos são movidos por desejos, mas também as crianças. No entanto, este ‘desejo’ está carregado de múltiplos sentidos. O desejo e o bem são facilmente confundidos, mas necessariamente não estão unidos como assim parece. O desejo dos pais e responsáveis é filtrado pela própria subjetividade, tornando o bem atribuível aos filhos *algo muito particular*. Em decorrência disso, em alguns casos o desejo dos pais reduz o campo de ação dos filhos. “Um ser humano é um sujeito, um ser de desejo, desde a origem. Nosso papel essencial junto a ele é evitar incomodá-lo querendo aplicar nossos próprios desejos a ele”. (Dolto, 2006, p. 153).

A incompreensão da irreduzibilidade da criança ao estrito desejo dos pais e responsáveis pode tornar a infância uma tragédia. Mas como isso acontece? Algumas crianças tem sua autonomia desajante dilacerada desde o início de suas vidas. A criança vive o confronto entre *ser* ela mesma e o ‘*dever ser*’ exagerado conferido pela família. Há um excessivo direcionamento infligido às crianças. As altas exigências dos pais não permitem a saudável liberdade infantil, ou seja, a “[...] criança não é soberana, não é ela que vai mandar por seu desejo, é o desejo dos pais que domina”. (Dolto, 2006, p. 23). Isso quer dizer que o domínio total ou absoluto dos adultos tem o poder de desnortear os filhos, que de forma irreparável perdem a fé na própria família.

A família, impondo funções inflexíveis, sufoca a espontaneidade da criança, que é um desejo *outro*. “Os pais se extasiam diante desse pequeno ser que irrompeu no mundo mas, para se prote-

ger dos perigos do inaudito, das surpresas do inédito, eles tentam assegurar-se pela busca ardente de semelhanças”. (Vetö, 2019, p. 199). O que precisa ser essencialmente considerado aqui reside na diferença da criança em relação aos desejos que pais e responsáveis colocam nela, fingindo descobri-los. Como exemplo, um filho que cresce pretendendo estudar e desempenhar campos de atuação até então inimagináveis daqueles destinados por seus tutores, abala ‘aquela verdade’ já programada desde muito cedo. Embora pareça um tanto tirano, muitos pais subordinam filhos e filhas à um limitado leque de opções de vida. Sabemos que é “[...] condição do ser humano procurar imaginar seu poder sobre o outro que não corresponde a seu desejo”. (Dolto, 2005, p. 170). Desejar incondicionalmente através da criança e para ela é uma tendência de controle e projeção extremas de insegurança paterna/materna.

A distinção e aceitação paternas e maternas do desejo da criança seria o primeiro passo para a saúde mental. No entanto, para isso, os adultos deveriam realmente se comportar como adultos e apreender a infância como infância. Infelizmente, quando o adulto não concretiza o sucesso de suas projeções e *desejos* nas crianças, se frustra, esbravejando: “Fiz uma porcaria. É o que acontece com os pais que não estão satisfeitos com seu filho: quando ele não vai bem na escola, o filho recebe a angústia de seus pais”. (Dolto, 2005, p. 170). O limite entre um filho e uma ‘porcaria’ por vezes é tênue. Ou a criança corresponde ao *desejo* dos responsáveis, partilhando o narcisismo do adulto, ou ela é uma ‘mundície’. O filho que não corresponde ao desejo dos responsáveis torna-se aquele que não ‘deu certo’. Em famílias idealistas tudo aquilo que realmente “[...] corresponde ao ritmo da necessidade e do desejo da criança é completamente contrariado por uma atitude obsessiva do adulto. Costumam impor-lhe um ritmo arbitrário, contrário a seu próprio ritmo”. (Dolto, 2005, p. 186). Talvez surpreenda muito alguns adultos a descoberta da existência de gostos, vontades e principalmente desejos saudáveis nas crianças.

### 3.4 Sintomas/Sinais

Em primeiro lugar, os *sintomas* de uma criança invariavelmente tem valor de mensagem. Os sintomas podem ser sinais psicossomáticos, somáticos ou emocionais que carregam uma informação a ser decodificada: o significado de um sintoma negativo, por exemplo, traduz-se como algo que vai mal na relação familiar. Quando se trata de dificuldades escolares, a probabilidade que algo esteja também mal na família não está muito longe. Uma criança *com* problemas escolares muitas vezes revela um transtorno presente do casal; prejuízos ou dificuldades que os pais por vezes não querem enfrentar ou não conseguem reconhecer.

A criança muitas vezes não aceita colocar-se no papel designado pelos seus pais de antemão. O interessante dessa imposição reside no fato de muitas crianças não apresentarem nenhum tipo de sintoma visível daquilo que foi ‘jogado’ para elas. Contudo, tanto a aceitação como a não aceitação de *trajes psicológicos* acarreta respostas por parte da criança. Na infância os pequeninos se apegam também ao (1) que não se diz, (2) ao que não se faz e ainda (3) ao que não se quer fazer por elas. Logo, o vácuo afetivo também fala. De acordo com Spaemann (2015, p. 122).

A criança vivencia que os olhares se voltam para ela. Ela se experimenta como destinatária da fala de outros [...]. Do mesmo modo que ela própria reconhece seres humanos e coisas identificando-as, ela experimenta a si mesma como alguém reconhecível e identificável.

Duas coisas valem ser consideradas nesse trecho: (1) a criança enquanto destinatária da qualificação da fala dos pais e (2) a forma como ela é psiquicamente reconhecida ou identificada. O pai ou “[...] a mãe pode e deve ser *autêntica* no seu comportamento para com a criança, para que a criança cresça de modo psiquicamente saudável”. (Spaemann, 2015, p. 184, grifo do autor). Essa posição é essencial porque não desautoriza os pais e responsáveis em serem normativos quando necessário. Logo, a questão cabal na educação infantil está em não rotulá-la estática e negativamente. De forma saudável,

Para possibilitar uma reciprocidade pessoal elementar, a mãe chega a apresentar uma certa regressão espontânea, mas não contra a vontade, graças à qual ela se coloca no mesmo nível da criança. A mãe ou quem assume o seu lugar trata a criança desde o início como interlocutora pessoal e não como objeto a ser manipulado ou como organismo vivo a ser condicionado. Ela não ensina a criança a falar dizendo algo qualquer na presença dela, mas dirigindo sua fala *a ela*. (Spemann, 2015, p. 184, grifo do autor).

De forma contrária, enfatizando o desenvolvimento de mazelas psíquicas, Dolto (1980, p. 13) escreveu que em sistemas familiares de ‘não liberdade’ e onipresente conflito, no momento em que “[...] a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar, e quando se trata de crianças perturbadas, é a criança que, pelos seus sintomas, encarna e presentifica as consequências de um conflito vivo, [...] camuflado e aceito por seus pais”. Por isso, a criança em alguns casos cumpre o papel de ‘depósito’<sup>4</sup> das angústias e dores familiares. Os sinais e sintomas de sofrimento podem ser múltiplos, transbordando a própria criança, já que se constituem em dor que não é só dela e na maioria das vezes não é produzida por ela.

Um bom exemplo de sintomas de sofrimento infantil são representados através das notas ou conceitos escolares elevados. A aparência subjetiva evidente de um aluno com boas notas é que tudo se passa bem. Mas o conceito escolar elevado por vezes não diz nada do afeto saudável de tal criança, já que “[...] é a afetividade que dá sentido à inteligência de todos os humanos. A inteligência sozinha não existe. É todo um conjunto que constrói a pessoa e

---

<sup>4</sup> A criança está na mão, na responsabilidade e tutela dos pais. Sua saúde depende da saúde familiar. Há uma clara homeostase entre todos os componentes familiares, onde a criança representa a parte mais vulnerável e absorvente de todas. “Quanto mais jovens são os seres humanos, tanto mais o peso das inibições dinâmicas sofridas direta ou indiretamente pelas tensões e pelo exemplo dos adultos mutilam o seu livre jogo de vitalidade emocional, e tanto menos podem eles defender-se criativamente delas; e os gravíssimos distúrbios do desenvolvimento psicomotor mental ou da fragilidade de saúde, por efeito dito psicossomático, das crianças muito jovens, são a consequência dessas relações perturbadas com o mundo – enquanto o mundo da criança está ainda limitado ao adulto nutriz”. (Dolto, 1980, p. 13-14).

ordena as variações”. (Dolto, 2005, p. 87). Nesse caso, não impressiona apenas a criança com baixos conceitos, mas também aquela que segue de forma altamente fidedigna tudo o que a escola ou a professora solicita.

É importante reconhecer que em sistemas familiares rígidos os membros tornam-se cada vez mais incapazes de distinguir seus próprios problemas e contradições<sup>5</sup>. Em geral, estes pais e responsáveis não se incluem no sofrimento ou dificuldade dos filhos e filhas, algo que desemboca na escola.

### 3.5 Controles

Os argumentos de dominação e insatisfação paterna ou materna, travestidos de verdade, representam “[...] as mentalidades que não se podem ou não se querem mudar. Os adultos resistem. Eles têm medo, medo da vida que é imprevisível. Eles pensam que tudo deve ser “programado”. (Dolto, 2005, p. 116). No entanto, a programação da vida é uma das maiores falácias que podemos nos deparar. Diante disso, Dolto condenava qualquer sistema moral ou educacional que vise controlar as crianças por meio da obediência ou imitação. Ela também discordava das técnicas utilizadas nas escolas e nos lares para antecipar o futuro das crianças, quando este é, por definição, incógnito. Como prever a amálgama de eventos do futuro? As crianças diferem dos adultos que as educam, simplesmente porque devem ter tido experiências a que a geração anterior não teve acesso.

Sem embargo, a privatização do lar vai muito além do espaço, conservando de forma onipresente muitas crianças sob os olhos inseguros dos tutores, reduzindo filhos e filhas aos padrões inflexíveis e a crítica exagerada deles. Contrário à isso, Dolto (2005, p. 44) assevera que a dimensão infantil relegada ao “[...] fechamento

---

<sup>5</sup> Um caso ilustrativo seria este: “Tal filha é esperada como devendo ajudar sua mãe a reencontrar a situação germinada de dependência para com sua própria mãe, da qual ela se libertou com muitas dificuldades, e a eliminar a sensação de abandono que ela experimenta com um marido que lhe permanece alheio”. (Dolto, 1980, p. 22).

burguês lhe confere uma proteção ilusória, pois apenas a experiência dos riscos imuniza verdadeiramente contra os perigos que podem ameaçar sua integridade física”. Os riscos da realidade, além de significarem vida, representam uma terapêutica. Para atingir a supracitada diferenciação, ou seja, encontrar o seu espaço pessoal, cada criança se defini através das trocas com outras pessoas (crianças, vizinhos, colegas, etc.).

Instável ou excessivamente submissa quando em família, ela não se constrói em relação à vida mista dos companheiros de sua faixa etária, não se constrói em relação ao seu corpo, pode ser muito estudiosa, [...] mas, de qualquer forma, é, para a sua idade, uma impotente sexual. (Dolto, 1980, p. 20).

Toda criança necessita se comunicar, mesmo sem ainda falar de forma satisfatória. Privá-la da comunicação é afastá-la da vida. Dolto (2005, p. 117) mesma diria que o essencialmente humano é a comunicação com os outros. A privação da comunicação atinge diretamente as emoções, que se empobrecem. Categoricamente a “Infância protegida é igual, frequentemente, a infância alienada”. (Dolto, 2005, p. 133). Essa referida alienação aparta a infância das brincadeiras, dos amigos e das frustrações necessárias do desenvolvimento. O afastamento é um reflexo de debilitação familiar. Dolto (1997, p. 78) defende a ideia de que “[...] é desde a idade em que começa a andar que a criança deve se misturar com outras pessoas e ter a liberdade de tomar iniciativas, apoiada pelas palavras, pela atenção divertida e pelo estímulo dos pais”. Os pais são apoiadores da vida infantil e não moldadores exclusivos do que a vida se tornará para seus filhos mais tarde. A preocupação com os desafios do futuro fazem muitos pais não perceberem *a criança que há na criança*. ao pensarem em seus filhos, pensam unilateralmente em uma série de projetos ‘adultos’.

### 3.6 Atributos interpessoais positivos dos pais

Nas relações dinâmicas entre pais e filhos Dolto postula que haja uma interpelação saudável, ou seja, que esses adultos assumam

suas emoções, afetos e sua cultura independentemente do destino das crianças. Contudo, o que isso exatamente quer dizer? Dolto (1980, p. 16) responde:

Isso quer dizer que o sentido da vida desses adultos está no cônjuge de cada um deles, nos adultos da sua faixa etária, no seu trabalho, e não na criança ou nas crianças pelas quais são responsáveis; isso quer dizer que o pensamento ou a preocupação com essa criança, o trabalho feito para ela, o amor que lhe dedicam jamais dominam a sua vida emocional, sejam essas emoções positivas ou negativas.

A orientação adulta comporta seu valor até o ponto em que não minimize a singularidade e individuação que faz parte da subjetividade de cada criança. Algumas crianças de forma impositiva já nascem destinadas ao desempenho único de condutas ideologicamente normativas. A prescrição adulta de profissões extremamente definidas para filhos e filhas apenas configura-se em mais um ingrediente. Isto é, as crianças surgem enquadradas em pertencas programadas, planejadas e inflexíveis. A tarefa dos pais e responsáveis estaria mais em esvaziar as crianças dos mandamentos sociais do que preenche-las do já excessivo clichê de informações. Para Dolto (2006, p. 10) um dos atributos positivos dos pais e responsáveis refere-se ao autoconhecimento:

[...] quanto mais os pais conhecem seus próprios limites e os aceitam, esperando que o filho não terá de passar pelas dificuldades que os limitaram e evitando exigir dele um êxito que compense seus fracassos, mais a criança terá chances de se dar bem em sua vida. Mas se os pais visam o êxito do filho para rivalizar com os outros através dele, arruinam completamente suas potencialidades dinâmicas.

A relação familiar saudável adquire sentido quando os pais retiram suas máscaras, ou seja, se abrem ao conhecimento de seus limites, reorganizando-os na família. A capacidade da criança de mudar, de deslocar-se de um lugar para outro, de separar-se, causa uma desorganização na família. Quando um componente da família

muda de papel, desorganiza naturalmente o modo de funcionamento familiar. A mudança de papel ou de reorganização familiar muitas vezes representa um crescimento necessário para atingir a saúde, mesmo quando um dos pais ou responsáveis não pensa assim. A família terá que passar por uma fase caracterizada por confusão e incerteza que envolve a todos. “Como pais, é sobretudo o poder do exemplo que devemos desenvolver, não para impedir a criança de ter suas experiências, mas para instrumentá-la nestas e lhe proporcionar os meios de realizá-las, em vez de proibi-las”. (Dolto, 2006, p. 13). O adulto deve prestar-se como modelo, dando o exemplo<sup>6</sup>, em vez de impor um método racional explicativo para uma mente infantil. Para a psicanalista Dolto (2005, p. 62) as proibições só têm sentido para a criança se existir também para seus responsáveis. Por mais nova que uma criança seja, ela sente o que está acontecendo entre os adultos e ela própria. Em suma, pais e responsáveis imprimem realidade nas crianças.

Na educação dos filhos e filhas as sanções podem ser necessárias, lembrando que existem maneiras e maneiras de se enunciar as leis da casa ou escola: “[...] a suavidade não exclui a firmeza nem certas proibições motivadas pela prudência”. (Dolto, 1997, p. 27). Desta forma, dizer ‘não’ pode estar adornado com cuidado, ao invés de estar preenchido por uma colossal agressividade.

[...] aquelas a quem comumente chamamos crianças ‘mal-educadas’ são crianças cujos pais não as quiseram fazer sofrer quando eram pequenas. O resultado é que a vida delas é inteiramente estragada, porque satisfizeram seu desejo soberano, em vez de fazê-las sentir que o desejo delas era limitado primeiro pelos dos pais, depois pelo de seu educador, pai ou não. A vida inteira sofrerão por não terem aprendido a compor com os desejos alheios. (Dolto, 2006, p. 28-29).

---

<sup>6</sup> Mesmo quando a capacidade de ordem ainda não estiver estabelecida, o exemplo familiar ou escolar ainda é irrefutavelmente importante. “Não é possível fazer uma criança ser ordeira antes dos 4 anos – uma criança normal, com boas relações com o mundo exterior. Mas, em primeiro lugar, a criança deve ver os pais arrumando as coisas”. (Dolto, 1997, p. 39).

Sem dúvida, nenhuma polaridade patrocina saúde infantil e tanto o proibir quanto a permissividade constante atestam a insegurança subjacente daqueles que podem educar a criança.

#### 4. Papel do educador *versus* o egoísmo dos pais

Há uma espécie de assimetria em que os adultos supostamente estão no ‘alto’ e as crianças na ‘superfície’ de algum tipo de hierarquia moral, cognitiva e social. Além disso, a supracitada hierarquia tende a relaxar em algumas famílias, cuja negligência dos pais e responsáveis toma vulto. As motivações para um desprendimento da tutela dos filhos reconhece necessárias dificuldades para educá-los, transparecendo a intimidade das ambições dos pais: literalmente distanciar-se daquilo que compromete. Nessa sociedade de egoísmo, onde cada pai/mãe/responsável busca seu contentamento à custa do bem estar dos filhos a “[...] criança é um fardo para o casal e um embaraço para sua satisfação egoísta”. (Dolto, 2005, p. 132). A criança, ao invés de representar uma fonte de amor, é interpretada negativamente como ‘assassinato do ego’ de alguns pais. Essa premissa reporta a realidade de pais que na verdade apenas o são pela designação social, destituída de toda responsabilidade privada diante dos filhos e filhas. Dolto (1979, p. 24) constata que muitos pais não adotam seus filhos: “Um pai deve sempre adotar seu filho. Alguns adotam sua criança ao nascer, outros alguns dias depois, mesmo algumas semanas mais tarde, outros irão adotá-la quando falar, etc... Só existem pais adotivos”.

A psicanalista Maud Mannoni (1980, p. 104, grifo do autor), influenciada pela obra de Dolto, lança uma inquietação pertinaz para o ambiente familiar: “Em nossos dias, as dificuldades psicológicas de uma criança dão a família *direitos*, sem que com isso, no entanto, os deveres dos pais (ou de indivíduo) sejam suficientemente destacados”. Apresentam-se os direitos de faltar às aulas por doença, o direito de a criança ser respeitada, o direito de opinião, mas os deveres dos pais não são cumpridos: seus filhos tornam-se uma espécie de *margem* de suas vidas. Alguns pais e responsáveis procu-

ram a conveniência da delegação de suas próprias responsabilidades para quaisquer outros e em qualquer momento. Em termos educativos os pais carregam e encargam os professores de todo o tipo de responsabilidade. Instaura-se

[...] uma espécie de rivalidade pais/professores, os professores que se queixam de que os pais não fazem seu trabalho educativo e, no inverso, os pais que têm a tendência de tudo delegar, remetendo-se demasiadamente às professoras para fazer a assim chamada educação, ao passo que elas só foram ensinadas a instruir as crianças. (Dolto, 2005, p. 349).

Nesta guerra de depreciações, alguns pais buscam fragilizar professoras ao mesmo tempo que também tentam simbolicamente convencer seus filhos que aquela que ensina (a professora) é uma mãe substituta. Enfaticamente Dolto (2005, p. 356) afirma que a professora não tem de ser parecida como a mãe. A professora é paga para ensinar<sup>7</sup> e não será aquilo que a criança quer que ela seja, isto é, a escola não é *casa*; na escola cada um ocupa *outro lugar*. A acomodação ao ambiente escolar perpassa o sentido do espaço, isto é, a escola não é igual a casa de cada um. As barreiras ou adequações de um local que difere do lar não carregam conotação negativa, mas uma nova maneira de conviver ainda não experimentada pela criança. Nessa altura da argumentação importa uma questão: qual seria a função da professora nesse caso? Dolto (2006, p. 46) responde: “Restituímos aos pais seu lugar de pessoas mais importantes do que a professora [...]. Restituímos aos pais sua responsabilidade, renovamos a confiança da criança neles e fazemos reconhecer a diferença de exigência e de ética existente entre a família e a escola”.

O papel do educador, segundo Dolto, é ensinar as crianças a conduzir a própria vida. Contudo, o trabalho do educador não é secundário, apenas diferente das funções paternas e maternas. De acordo com Dolto (2006, p. 11) “[...] todas as pessoas com quem a criança tem intercâmbios são importantes, e não apenas seus

---

<sup>7</sup> “A professora é paga para ensinar; ela não é paga para ser boazinha”. (Dolto, 1999, p. 72).

pais. Por isso o papel das pessoas laterais, como os professores, os psicólogos, os educadores, é essencial”. Cada funcionário, seja ele professor, porteiro ou responsável pela limpeza, representa um papel significativo em uma escola. Por vezes alguns profissionais da educação são impelidos “[...] a crer que devem ser tanto fonoaudiólogas como psicomotricistas, educadoras, reeducadoras, psicólogas e, mesmo, psicoterapeutas. Ora, cada um desses papéis requer uma opção verdadeira da pessoa por sua profissão. Fazer de tudo é absolutamente ruim”. (Dolto, 2006, p. 3).

O ato de gerenciar todas as necessidades de uma criança é uma atribuição paterna/materna. Embora as necessidades transbordem na escola, o educador atende de acordo com sua competência; ele não é psicólogo. Nesse sentido, o educador e sua equipe trabalham dialogando com várias esferas escolares no intuito interdisciplinar de encaminhar o estudante para especialidades não atendidas na escola. “Cada um deve agir de maneira diferente, assumindo suas responsabilidades sem ser submetido ao juízo dos que exercem uma outra função junto a essas crianças”. (Dolto, 2006, p. 4).

De forma característica, o educador comunica a criança todo o bem que ela representa e faz. Salientar os pontos positivos da criança é um exercício de segurança. O educador

[...] se ocupa da realidade e da maneira como a criança se comporta, e ajuda-a a ter uma imagem dela nessa realidade. Ele favorece sua adaptação dando-lhe barreiras verbais e gestuais e lhe apresentando, por sua própria pessoa, o exemplo de um comportamento que a criança pode tomar como modelo. (Dolto, 2006, p. 7).

A impotência do desejo de previsibilidade dos pais e responsáveis em relação ao mundo infantil foi prescrita por Dolto (1980, p. 290) com bastante acurácia: “[...] preparamos, para uma vida da qual não sabemos o que será, crianças que, justamente, terão de ser diferentes de nós, pelo fato de que terão adquirido experiências que eram desconhecidas para nós quando tínhamos a mesma idade”. Literalmente, tentamos preparar as crianças para uma vida que

ilusoriamente pensamos saber, mas da qual pouco conhecemos: atitude concretamente travestida de insegurança dos pais. Metaforicamente, esta insegurança pode ser avaliada como um ‘carro’ que os responsáveis não sabem guiar. A tríade paterna/materna de insegurança, pessimismo e ansiedade é amplamente partilhada com a infância. Desta forma, a criança participa da insegurança da família sem racionalizar o seu sentido, mas carregando seu fardo.

Os adultos almejam “[...] que a criança se comporte como eles querem. Esse senso educativo é falso. Ele visa a fazer com que se repita uma sociedade para adultos”. (Dolto, 2005, p. 176). Entretanto, o estágio adulto é tão passageiro quanto a infância, mas a *cicatriz* adquirida na infância tem o potencial de perdurar mais do que qualquer ferida adquirida na idade adulta. Aqui reside a ironia: “O bom aluno, com efeito, é aquele que aceita que o adulto o corte de suas raízes e o force a imitá-lo” (Dolto, 2005, p. 227). Uma das consequências disso está na recusa da escolaridade. As crianças resistem a progressão do próprio desenvolvimento. Para tanto, em determinadas vezes, o que aparenta ser uma criança obediente significa outra coisa. Algumas crianças intencionam “[...] assegurar aquilo que lhes é pedido para ter paz”. (Dolto, 2005, p. 291). Isto é, a ativa subjugação infantil no seio familiar também apresenta a dimensão de estratégia de sobrevivência em um lar caótico.

## Considerações finais

A saúde da criança reflete a importante presença de normatividade em sua vida, angariando esboços progressivos de autonomia através dos adultos. Não há como minimizar as positivas orientações de pais, responsáveis e professores. Contudo, o controle excessivo e a insegurança por parte de pais e responsáveis solapa o desenvolvimento infantil. A ausência de vínculos ou laços deficitários entre crianças e seus responsáveis transladam profundo sofrimento no psiquismo infantil. Ainda, a presença de conflitos e ausência de carinho perturba a criança a tal ponto que a autoanulação torna-se um recurso. Crianças ‘nulificadas’ e sem alguém que se interesse por elas crescem sem *externar afetos*.

## Referencial bibliográfico

DOLTO, Françoise. **A causa das crianças**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A dificuldade de viver**: psicanálise e prevenção das neuroses. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. **As etapas decisivas da infância**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Auto-retrato de uma psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_. **Destinos de crianças**: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In Mannoni, Maud. **A Primeira entrevista em psicanálise**. (pp. 9-30). Rio de Janeiro: Campus, 1980.

\_\_\_\_\_. **Quando surge a criança**. Tomo II. Campinas, SP: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MANNONI, Maud. **A Primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

ROUDINESCO, Elisabeth. Dolto, Françoise (p. 157-160). In: **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SPAEMANN, Robert. **Pessoas**: ensaios sobre a diferença entre “algu” e “alguém”. São Leopoldo: ED. Unisinos, 2015.

VETŐ, Miklos. **A expansão da metafísica**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2019.